



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O VESTIDO RASGADO

Por Saudade Errante

HAVIA, nos arredores duma aldeia, uma quinta muito bonita, da qual me não lembra agora o nome, o que não importa, pois o que lhes vou contar, nada tem com o nome da quinta. Contudo, estou já daqui a ouvir as vossas boquitas de romã, dizerem:

— «Uma coisa sem nome não tem graça!...»

Portanto, eu vou explicar-lhes como era a quinta, e depois baptizaremos-la a nosso gosto. Olhem, era assim:

— «Uma quinta grande, direitinha! Tinha, ao centro, um luxuoso palacete, que era habitado, no verão, pelos seus proprietários. Em volta, um encantador jardim, revestido das mais lindas flores, mirando-se na água espelhante dum lago enorme. Um pouco separada, a um lado, havia uma casinha humilde, habitada simplesmente por duas pessoas: — Pai e filha.

O resto da quinta compunha-se de pomar, de sádias árvores de fruto, as quais formavam caprichosos arruamentos por onde vocês gostariam de correr nas manhãs fresquinhas, gozando, deliciosamente, umas férias!

Não sei que mais lhes hei-de dizer, a propósito das be-

lezas desta quinta. Já com certeza escolheram nome com que baptizá-la!... E eu, como também, às vezes, tenho umas virtudezinhas, adivinhei já que todos vós haveis de gostar do nome que lhe vou dar: QUINTA MARAVILHOSA!

Não é verdade, que uma quinta assim, seria uma maravilha para vocês, pequeninos, pularem e fazerem das suas peripécias?...

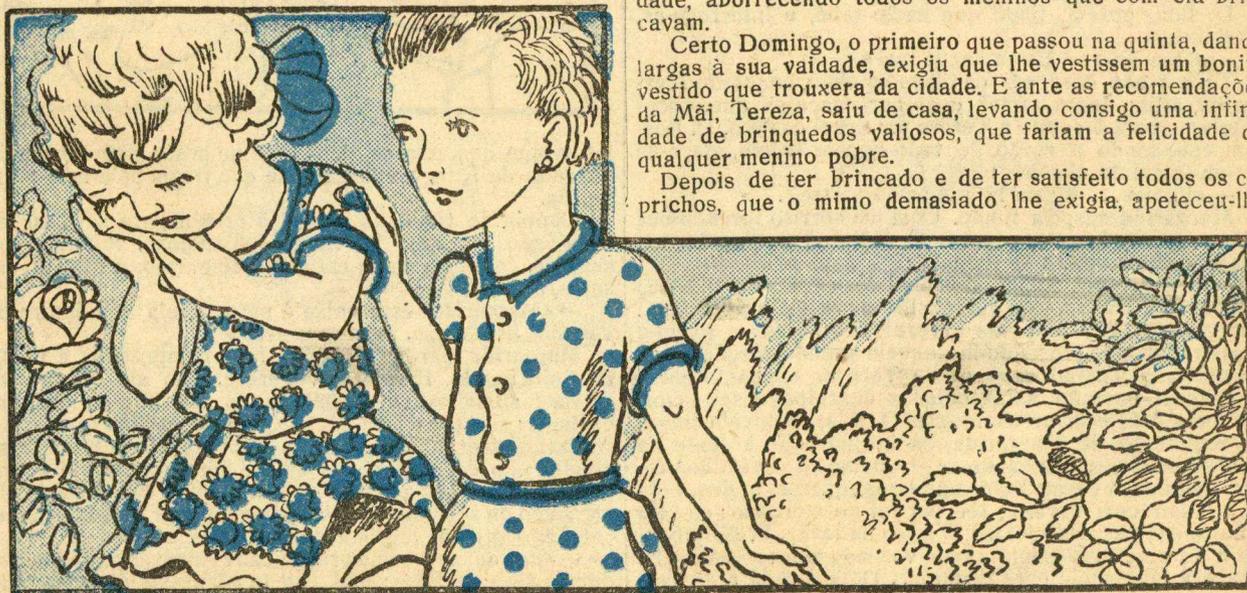
Ora ouçam o que se passou nessa quinta, em certo Domingo, todo banhado de sol e cantares de passarinhos! Escutem com muita atenção, porque a história é verdadeira:

Por ter chegado o verão, ou melhor, as férias, o palacete, a que acima me refiro, estava habitado pelos seus proprietários. Compunha-se essa família de pai, de mãe e uma filhinha de 12 anos.

Tereza, eis o nome da menina, era extremamente vaidosa. Habitada ao luxo e ao conforto que a fortuna proporcionou aos bafejados da sorte, ela desprezava os mais humildes e tudo quanto lhe fôsse inferior. Falava a todos imperiosamente, e só com os que eram ricos, como ela, se sentia bem. Tereza representava, assim, o símbolo da vaidade, aborrecendo todos os meninos que com ela brincavam.

Certo Domingo, o primeiro que passou na quinta, dando largas à sua vaidade, exigiu que lhe vestissem um bonito vestido que trouxera da cidade. E ante as recomendações da Mãe, Tereza, saiu de casa, levando consigo uma infinidade de brinquedos valiosos, que fariam a felicidade de qualquer menino pobre.

Depois de ter brincado e de ter satisfeito todos os caprichos, que o mimo demasiado lhe exigia, apeteceu-lhe





colher algumas flores. Então, rompendo por entre as vistosas roseiras do seu jardim, tinha, dentro em pouco, constituído um lindo ramo que ostensivamente segurava na mãozinha assetinada. Mas, ao preparar-se para sair do jardim, o lindo vestido, que ela vaidosamente ostentava, prendeu-se-lhe nos espinhos de uma enorme roseira, rasgando-se quasi sem ela sentir. Tereza ficou aflitissima; deitou o ramo ao chão, num cruel trejeito, como se as flores que tanto adorava, tivessem culpa do mal que acabara de lhe acontecer.

— «A Mãizinha vai ralhar-me, com certeza! Agora que lhe digo eu?!»

Fazia estes lamentos por entre soluços, quando Margarida, a filha do caseiro, apareceu, dizendo-lhe a medo:

— «Que tem, menina? Rasgou o vestido? Ah! Que pena! Tam bonito!»

Tereza nem a ouviu. Continuava a chorar. Num gesto fraternal, Margarida aproxima-se mais, e, quasi ao ouvido, murmura:

— «Olhe, menina, porque não vem comigo além a casa... Eu cosia-lhe o rasgão, e, assim, mais facilmente o poderia encobrir à sua Mãizinha, por hoje... Depois... já lhe não ralhariá!»

Tereza ouve tudo isto com manifesto desdém. Adivinhando-se-lhe nos olhitos negros uma pontazinha de desprezo, volve imperiosa:

— «Então, tu julgas que a filha dum rico capitalista, iria aceitar os favores da desgraçada filha dum caseiro que, às vezes, nem tem com que matar a fome?!.. Ah! Como te atreves a falar-me?! Tu... Uma coberta de farrapos!... Vai-te!..»

Mas, naquele momento, surge, de entre a folhagem verdejante das árvores, a figura insinuante de D. Ilda que, encoberta por um muro, assistira a tôda aquela cena, constatando, com profunda mágoa, os maus sentimentos de sua filha Teresa.

D. Ilda, porém, finge que nada sabe, e interroga-as, sorridente:

— «Que é isso? Estão zangadas?»

Teresa não desprega os olhos do chão, enquanto Margarida, aflita, tenta armar qualquer desculpa que, encobrindo a verdade, evite a Teresa um cruel castigo. D. Ilda, compreendendo a razão de todo aquele enleio, afaga-as carinhosamente, dizendo:

— «Vamos... digam lá que amúio é êsse?...»

Margarida suspira fundo. Com um sorriso forçado nos lábios descórados, aproxima-se da Mãe de Tereza, e diz-lhe, a medo, numa vozinha de piedade:

— «Perdõe-me, minha senhora! Mas era a menina que me ralhava, por eu, sem querer, lhe ter rasgado o vestido... brincávamos por entre as árvores, depois eu... puxei-a desastrosamente, fazendo-lhe aquele grande rasgão» — e apontava o vestido rasgado de Tereza, enquanto esta, silenciosa, ouvindo tôdas aquelas desculpas a seu favor, olhava a Mãe com ar triunfante. D. Ilda, comovida com o procedimento de Margarida, dá-lhe um beijo ardente na face franzina, acarinhando-a: — «Deixa lá o vestido! Só por isso se zangavam! Ora não te apoquentes! Olha, hoje vais jantar com Tereza; teu pai foi ao mercado; só vem à noite; passarão juntas, o resto da tarde. E, dirigindo-se a Tereza, acrescenta, com a voz magoada: — «Anda!... Traz a Margarida para jantar!... Deixemos lá a história

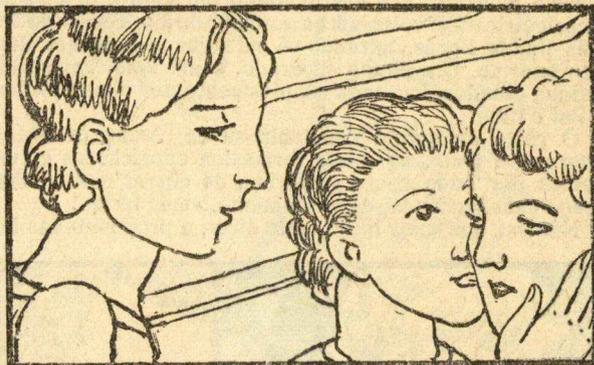
do vestido; quero que sejam duas boas amigas» — e, ao mesmo tempo que dizia isto, afastava-se em direcção ao palacete, deixando as duas novamente sós!

Margarida agradece o convite de D. Ilda e afasta-se também, despedindo-se: — «Até amanhã, menina! Tenho de ir para casa, arranjar alguma coisa para o meu pai, que deve estar a chegar.»

O jantar, no palacete da Quinta Maravilhosa, decorre monótono. Tereza não compreende a atitude triste de sua Mãe, que, habitualmente, às refeições, tanto a beijava! Ela sentia pesar-lhe na consciência a feia acção que cometera, e, porque não era verdadeiramente má, sentia já o arrependimento...

— «Mas se a mãizinha de nada tinha sabido!.. Ela julgava que Margarida é que era a culpada de tudo! Porque estaria, assim, diferente dos outros dias?...»

Não compreendo isto, francamente; — pensava Tereza, que se recusava a comer tudo que lhe ofereciam, ao mes-



mo tempo que, com os olhos fitos no prato, nem dera pela chegada de Rita, a velha criada que trazia pela mão Margarida.

Depois de ter dado ordem à criada para sair, ao ter terminado o jantar, D. Ilda sai silenciosa, voltando, em seguida, com uma caixa enorme, que entrega à filha do caseiro, dizendo-lhe:

— «Margarida, esta caixa é para ti; ela tem dentro os vestidos de Tereza, para tu usares.»

Margarida parece enleada. Não compreende a razão de tudo aquilo. Entretanto, Tereza, que até ali se conservara silenciosa e imóvel, dando um salto na cadeira, exclama: — «Que é isso, Mãizinha? Que estás a fazer?...» E, dizendo isto, olhava de revez a pobrezinha que, envergonhada, não despregava os olhitos, profundamente belos, da caixa que tinha aos pés. Na frente de D. Ilda desenha-se um vinco de sofrimento, e, voltando-se para Tereza, diz-lhe, enquanto grossas lágrimas lhe rolam pela face:

— «Estranhas a minha resolução? Admiras-te de me ver dar os teus vestidos; mas não te admiraste da acção que

A RESPOSTA DA MIMI

Por FELIX VENTURA

A Mimi, certa manhã,
Pé ante pé, devagar,
Entra no quarto onde a prima
Se estava, absorta, a pintar.

Logo, com cómico espanto,
Sai, sem nada lhe dizer

E vai à sala, onde o pai
Estava sentado a lêr.

Chega e diz, muito expedita,
Com sorriso até no olhar :
— «No que o papá me disser
Já não torno a acreditar!»



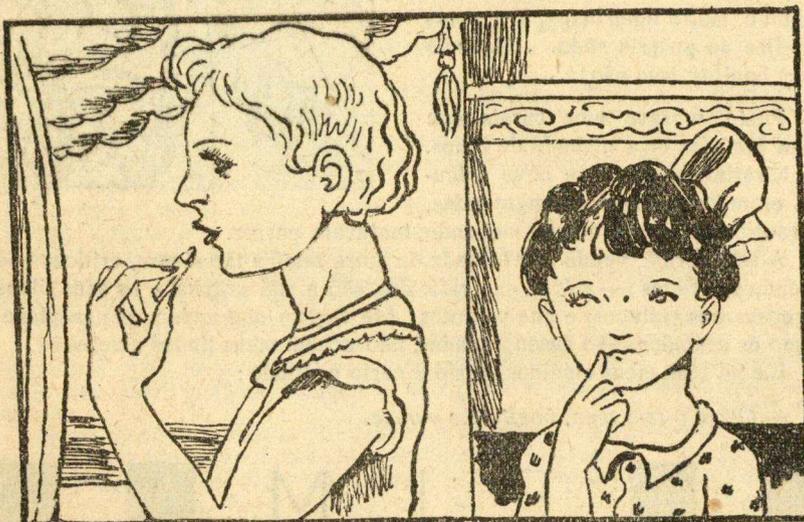
— «Que disseste tu, Mimi?
— (Diz o pai, com voz zangada.)—
A menina, por mentir,
Vai ser já, já, castigada.»

— «Não se zangue, papázinho...
Eu não disse isso por mal.
O papá é que afirmou
Que era longe o carnaval.

Ora calcule se, agora,
Me não devia zangar,
Pois vi, há pouco, a priminha
Que se estava a mascarar!...»

F

M



praticaste, deixando que Margarida se inculcasse culpada do mal que tinhas feito... Minha filha, as Mães adivinham tudo; e é por isso que eu sei que a tua acção de há pouco foi das mais repugnantes e das mais feias que uma alminha de criança pode fazer. Porque consentiste, minha filha, que Margarida se culpasse, quando tu rasgaste o vestido... porque me não confessaste tóda a verdade?!

Porque não aceitaste o confôrto das palavras de Margarida, quando ela te foi encontrar a chorar?! Para que a repeliste? Ouve bem, minha filha, os teus lábiozinhos de inocente, não podem, de forma alguma, tornar a pronunciar as frases vaidosas que dirigiste a Margarida. É preciso que a tua almazinha se dispa do orgulho, da inconsciência de se supôr mais do que os humildes, e se doire com a luz puríssima da Bondade e da Singeleza. Para que te não envergonhes de brincar com as crianças pobres, como Margarida, vais usar, durante todo o tempo de férias, os vestidos velhos da Antónia, a criadita dos recados.

Todos os teus vestidos que estão naquela caixa, passam a ser de Margarida. Ela vesti-los-há para vir brincar com a Terezinha, vaidosa, dos vestidos velhos!

Mandei chamar Margarida, visto ela não ter querido aceitar o convite para jantar connosco, para que, em face das virtudes lindas que possui, o teu arrependimento e vergonha sejam mais profundos e para que sintas, melhor, os remorsos pela vaidade com que a trataste! Dá-lhe um beijo, e vai vestir aquele bibe velho de chita!»

— «Basta mãizinha! Estou já arrependida de tudo que fiz à «pobre» Margarida!» E Tereza, voltando-se para ela, acrescentou:

— «Querida Margarida, perdôa a minha vaidade! Serás sempre a minha melhor Amiga!»



Queridos meninos:

A história da QUINTA MARAVILHOSA, está terminada! A todos vós que me escutastes, ricos ou pobres, eu peço, que nas acções ingénuas das vossas vidas, rebrilhem sempre, como eternos faróis, os procedimentos lindos, como os de Margarida; e que quando, um dia, algum proceder mal, se arrependa também, profundamente, como Tereza.

N. da R. — Roga-se à autora deste conto, o favor de enviar o seu verdadeiro nome e o respectivo retrato, pois, à falta do primeiro, fomos forçados a publicá-lo com o pseudónimo que o subscrevia.

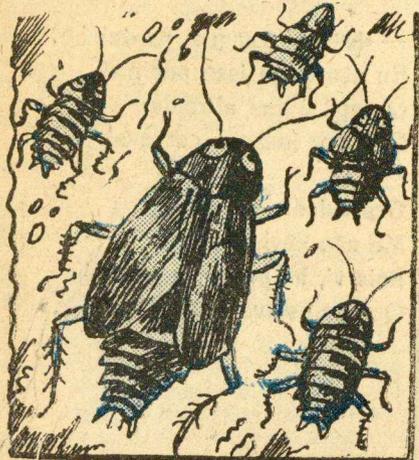
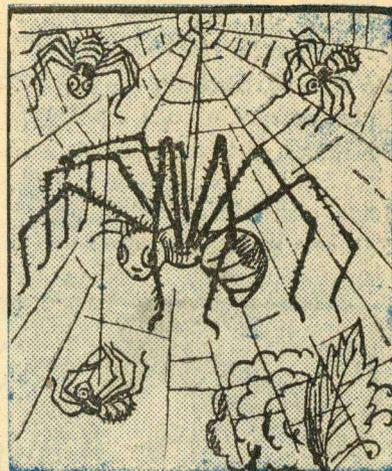
Quem o feio ama...

Por MILAU

COMO os meus amiguinhos devem saber, as aranhas, depois da postura, põem os ovos a chocar ao sol, cuidando deles com todo o carinho; porém, quando crescem os aranhinhos, as mães já não se importam com os filhos e deixam que eles andem à vontade, trepando para onde querem, pois os aranhinhos nunca partem a cabeça.

Mas ia eu dizendo... Ah! sim, já sei.

Houve uma aranha que também fez a sua postura e, como as outras, passeou o *novélo* que continha os ovos, procurando-lhes, cuidadosamente, o calor do sol, mas quando saíram os aranhinhos, ela não os abandonou. Realmente, eles tinham graça, subindo, subindo, muito ligeirinhos, agarrados aos fios da própria sêda... Mas não eram bonitos, isso não!...



Perto, morava uma barata que tinha também uma ninhada de filhos. As baratinhas, como se deve calcular, eram trôpegas e desengraçadas, extraordinariamente cômicas quando tentavam correr.

A mãe barata, vendo a felicidade da outra família tão alegre, criticava-os, dizendo aos filhos: — «Vêde que ridículos são a mãe aranha e os seus filhos. Parecem uns malucos; e que vaidosos! Até fingem que andam de aeroplano! Como os aranhinhos são desengraçados, não acham meus lindos amores?»

E aqui têm, meus meninos, como é certo o ditado;

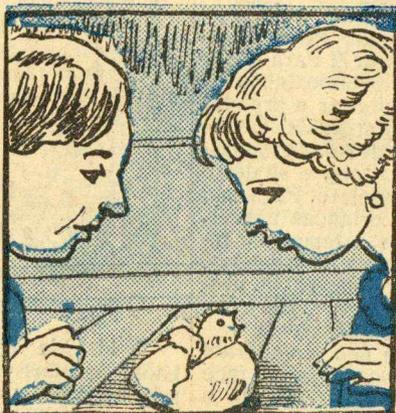
— *Quem o feio ama, bonito lhe parece.*

■ ■ F I M ■ ■

MAIS VALE UM PASSARO NA MÃO Por LAURA CHAVES

OUVIU-SE um pequeno estalo, o ovo abriu-se e fez «cui».
— É uma galinha ou um galo, o que vai sair daqui —? disse encantada, a Ritinha, dando palmas e pulinhos.
— «Há-de ser uma galinha que eu quero ter pintaínhos! —»

— «Uma galinha, isso não! Um galo é que ele há-de ser, — gritou-lhe, fulo, o João, — porque, quando ele crescer, com o seu lindo cantar, saiba você minha tôla, será quem me há-de acordar p'ra eu não faltar à escola.»



E, por causa da toleima, de ser galo ou ser galinha houve tal bulha, tal teima, entre o João e a Ritinha,

deram tanto bofetão, tanto, tanto se esmurramam, que os dois caíram no chão onde o ovo esmigalharam.

Depois de tal labirinto, por môr desta acção tão feia, e por terem morto o pinto, inda apanharam tareia.

.....
Tem moral e muito boa isto que acabais de ler: por um pássaro que vâa, ninguém se deve bater.

F

M

AMOR MATERNO

ADAPTAÇÃO DE UM CONTO FRANCÊS

Por ANTONIO FREIRE DA SILVA MAURÍCIO

NA Moldávia setentrional, entre Pietra e Folticeno, vêem-se, sobre uma montanha vizinha da ribeira, as ruínas de Niantz da qual, infelizmente, bem pouco resta. A vila que se estende no sopé da eminência, foi edificada quasi tôda com as pedras da orgulhosa fortaleza. Em tempos idos, quando servia de residência a Estevão, o Grande, poderoso príncipe da Moldávia, aquela praça tinha grande fama e passava por inexpugnável. O príncipe dera cinquenta batalhas, das quais raramente voltava sem feridas; mas, após cada vitória, edificava uma igreja para mostrar ao céu o seu reconhecimento.

Naquele dia, travara-se nova e ardente refrega cujas peripécias se podiam seguir dentro do castelo. Dir-se-ia que, por sua vez, a fortuna dos combates se dispunha a abandonar Estevão porque, havia momentos, o aspecto da peleja era desanimador.

No forte ficaram duas mulheres: uma era a esposa de Estevão, a outra: — a mãe. A princesa deixava resvalar as lágrimas sobre as suas rosadas faces, que uma espessa e loira cabeleira de ouro envolvia. Ora contemplava, fixamente, a planície, ora, na sua angústia e no seu terror, escondia o rosto no véu para não ver mais nada.

Não era como a outra mulher que se conservava altivamente de pé, ao lado da jovem princesa, olhando ao longe, sem fazer nenhum movimento, sem proferir uma só palavra.

Numa ocasião, o aspecto do campo da batalha tornou-se tão inquietante que a ansiedade dominou todos os outros sentimentos. Os combates aproximavam-se uns dos

outros, de minuto a minuto, e, em breve, se viu Estevão reduzido à alvo da ofensiva.

— «O minha Mãi, vão matá-lo!»

— «Não, filha! Estevão trará a vitória antes de anoitecer!»

A segurança e gravidade com que foram ditas estas palavras susteram as lágrimas da moça.

Súbito, um galope cerrado se ouviu e duas fortes argoladas foram por alguém batidas à porta do forte.

— «Estevão. Tenho a certeza: corro a abrir!»

Com um gesto imperioso, a Mãi afastou a princesa, e, em seguida, desceu lentamente.

— «Quem bate?!» perguntou de dentro, sem abrir.

— «Estevão, teu filho!»

— «Meu filho?... Vai-te, estrangeiro! Que audácia é essa de queres entrar na morada do meu glorioso filho?!...»

— «Abre, Mãi! Sou eu, o teu filho! Os turcos seguem-me o rastro... As minhas feridas queimam-me o sangue!»

— «O meu filho não voltaria senão vitorioso. Ele está longe daqui, repelindo com o seu braço poderoso os inimigos do seu País.

Tu, jovem estrangeiro, fica sabendo da minha bôca o seguinte: não entrarás aqui, visto não saberes vencer. Vai procurar no campo de batalha, uma morte heroica.

Só assim serei tua Mãi e regarei o teu túmulo com as minhas lágrimas.»

A jovem princesa caiu de joelhos e implorou que tivesse piedade de Estevão.

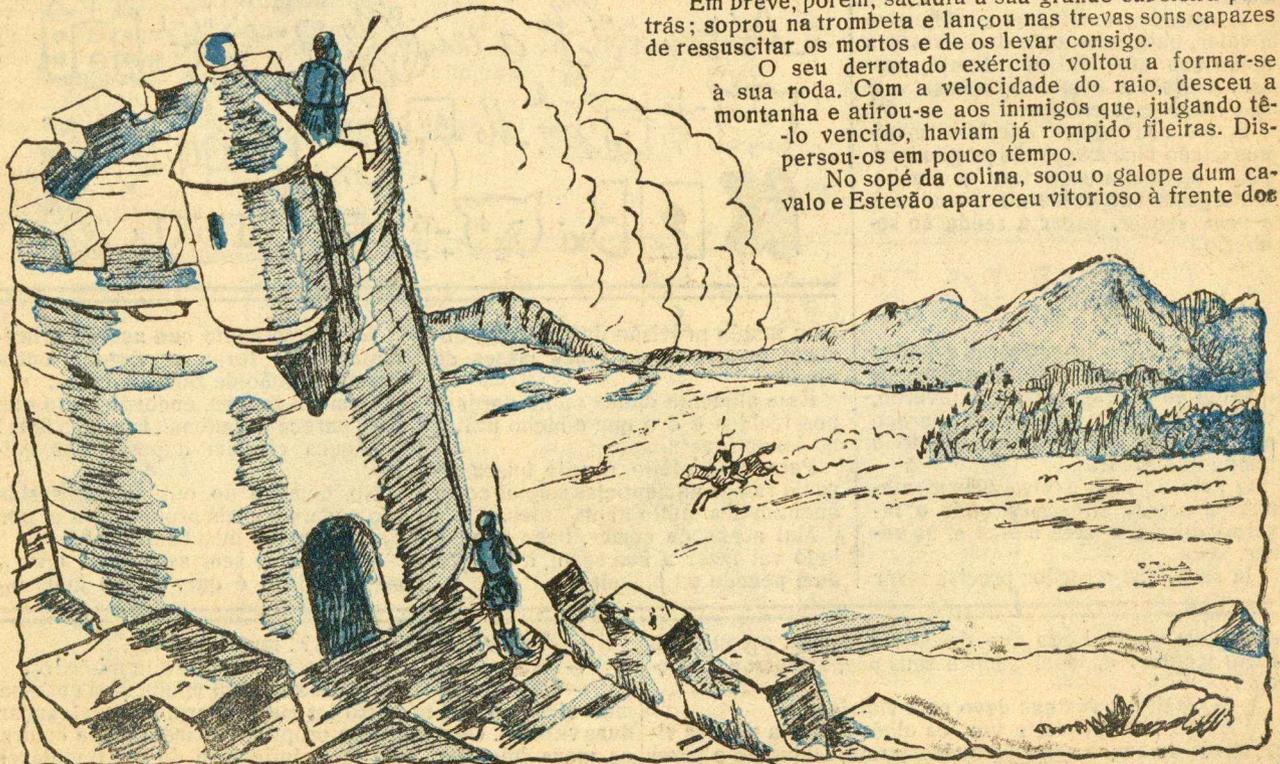
Um gesto impôs-lhe silêncio.

Estevão sob o peso da vergonha e da dôr, vexado, baixou a cabeça.

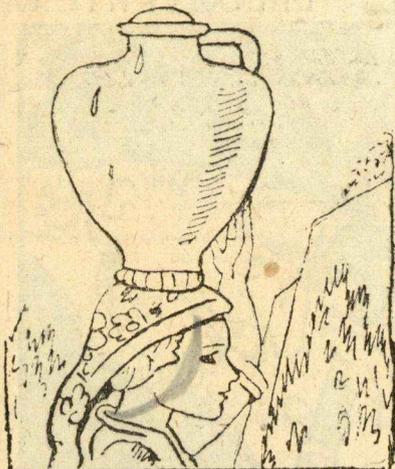
Em breve, porém, sacudiu a sua grande cabeleira para trás; soprou na trombeta e lançou nas trevas sons capazes de ressuscitar os mortos e de os levar consigo.

O seu derrotado exército voltou a formar-se à sua roda. Com a velocidade do raio, desceu a montanha e atirou-se aos inimigos que, julgando tê-lo vencido, haviam já rompido fileiras. Dispersou-os em pouco tempo.

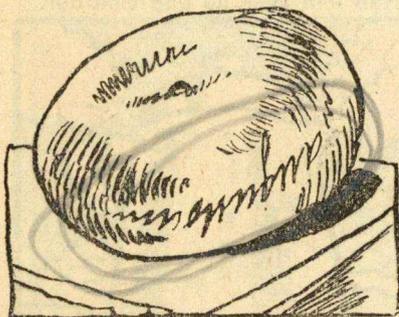
No sopé da colina, souo o galope dum cavalo e Estevão apareceu vitorioso à frente dos



ADIVINHAS



Meus meninos: — Esta rapariga tem uma irmã que a acompanha sempre que ela vai buscar água à fonte. Vejam se a descobrem.

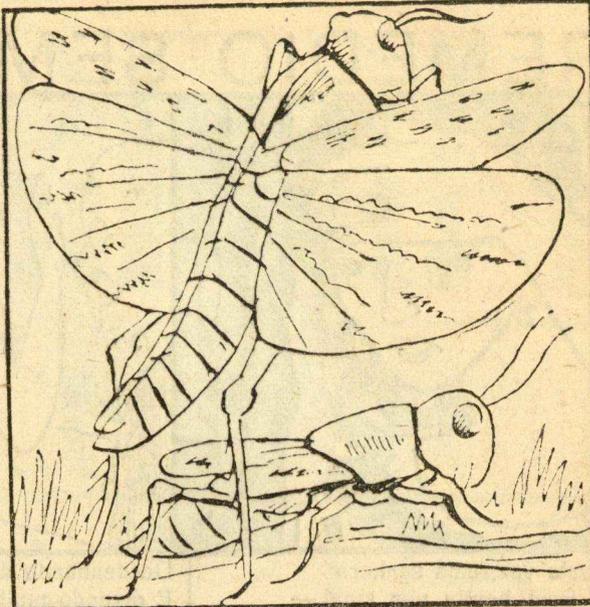


Vejam se descobrem o nome do dono desta maçã.

menos, de quinze em quinze dias, o bicho estremece; ligeiramente, levanta-se e, sempre a dormir, vai depor as dejeções num cantinho da sua moradia, sempre no mesmo sítio.

Devem ter compreendido, meus amiguinhos, que, enquanto assim está imóvel, o rato do monte reabsorve a gordura acumulada nos seus tecidos,

P A R A O S M E N I - N O S C O L O - R I . R E M



CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS

Por motivo de força maior, só no próximo número podemos publicar a gravura relativa a esta semana e cuja série termina brevemente.

porque vai emagrecendo, a pouco e pouco, mas não muito.

O dorminhoco não perde mais de 500 gramas de peso, durante o inverno.

Basta isso para o alimentar, visto que a sua força vital está muito diminuída.

Estes dois casos curiosos da vida dos animais, decerto os deve ter interessado, não é assim?

F

I

M

CHARADAS COMBINADAS

- + ca = Recinto conventual
- + la = Pequena tocha
- + cto = Esguicho

- + pa = Abafo
- + co = Terra Açoreana
- + ve = Ligeiro

- + bra = Moeda inglesa
- + ca = Cajado
- + co = Peçaço
- + ma = Senhora

- + za = Torre italiana
- + ca = Brinquedo de bebé
- + ra = Moeda italiana
- + ca = Esconderijo

Conceito geral: — Bebidas

CONCURSOS MENSAIS

CASSIFICADOS COM MENÇOES HONROSAS



Manuel da Silva Rocha Felgueiras



Idalina de Carvalho Rodrigues



António José de Almeida



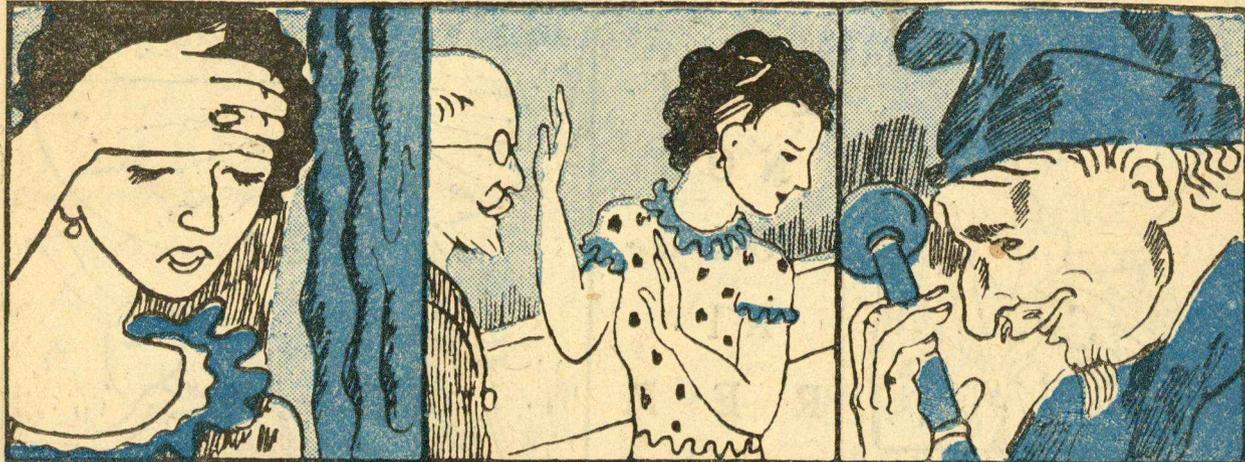
Maria Diniz Simões



Fernando Rodrigues Oliveira

REMEDIO SEM IGUAL

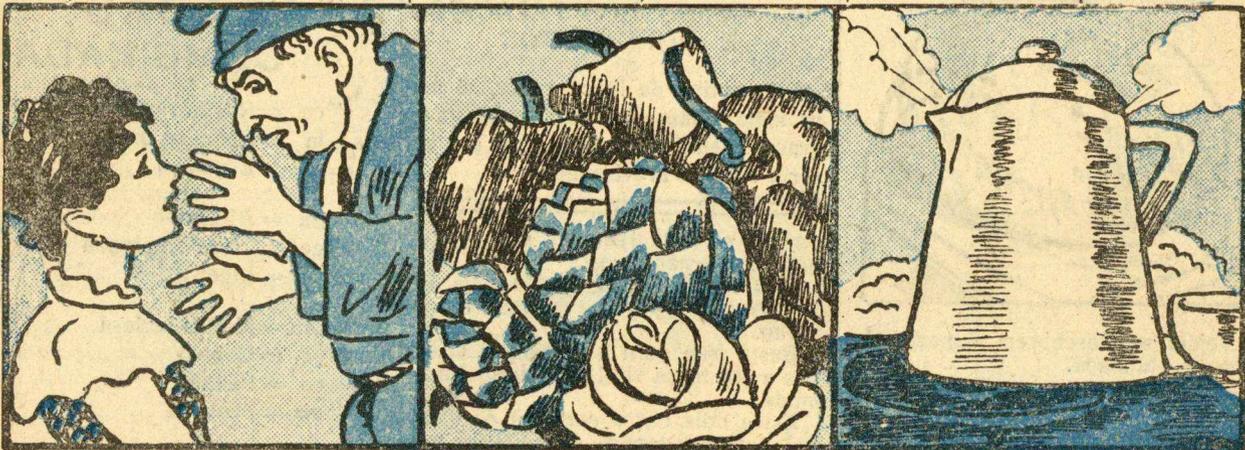
POR
FELIX VENTURA



Certa vez, uma senhora
— Bem bonita por sinal —
Sentiu-se, certa manhã,
Doente, bastante mal.

Desdenhando da ciência
E dizendo muito mal
Dos médicos que existiam
Na sua terra natal,

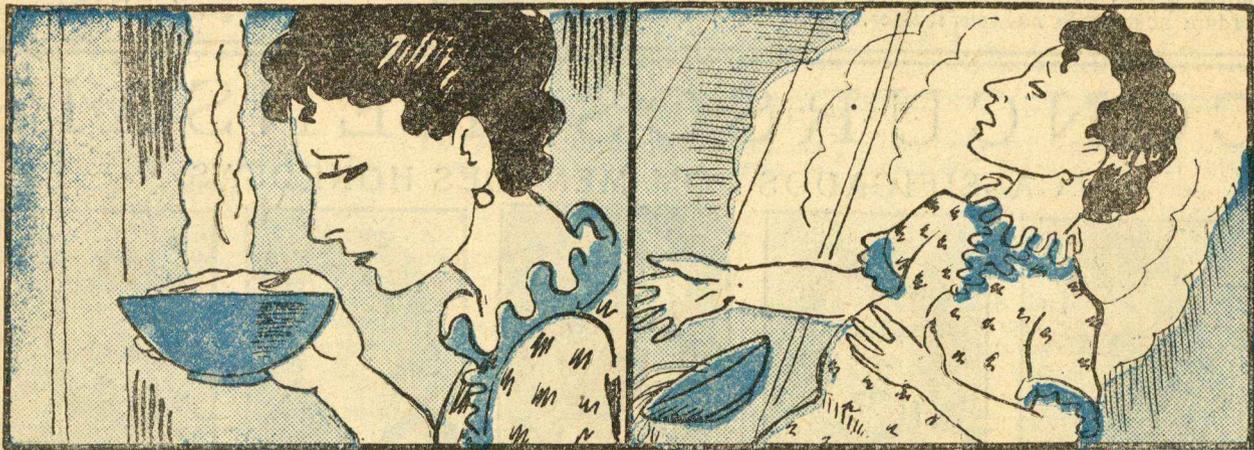
Ei-la que vai, sem demora,
Procurar bruxo impostôr,
Que lhe diz: Vossa Excelência
Não tem mais do que uma dôr.



E, com ar grave, exclamou
Em voz de cana rachada:
«Para a cura vir depressa
Não terá grande maçada. —

Arranjará alcachofras,
Folhas grandes de pimentos,
Rosas brancas, figos secos,
E, depois, cose uns momentos.

Com tôdas estas misturas,
Fará bem forte tisana
E garanto-lhe estar boa
Para o fim desta semana.



Pagou a dama cem escudos
E lá foi, tôda contente,
Arranjar o bom remédio
Para o seu corpo doente.

Mas foram tais os efeitos
Que a mistela lhe causou,
Que, passados oito dias,
A doente se enterrou.

E agora vos digo eu:
Mas que pobre criatura!
Não foi da dor que morreu,
O que a matou foi a cura!